

A FESTA DE BABETTE: uma comensalidade sensível e romântica⁴

Maria Beatriz da Rocha Lagôa

Francisco Romão Ferreira

Larissa Escarce Bento Wollz

Maria Claudia da Veiga Soares Carvalho

Sobre a produção e a vida de Karen Blixen

A produção franco-dinamarquesa *A Festa de Babette* (1987), ganhadora do Oscar de melhor filme estrangeiro em 1988⁵, com roteiro e direção de Gabriel Axel, constrói com delicadeza um jantar minuciosamente planejado que nos remete aos apetites realizados à mesa em torno da sensibilidade e do amor platônico. O cenário envolve moradores de um pequeno vilarejo de pescadores na região da Jutlândia, ligados por convenções sociais de tradição religiosa protestante e uma culinária modesta que se contrapõe a personagens de cidades grandes envolvendo alta gastronomia, música e hierarquia militar. A relação entre as narrativas articula códigos de distinção social numa hierarquia socialmente naturalizada no cotidiano das relações humanas, representadas na linguagem do cinema e contextualizada historicamente na guerra franco-prussiana.

Neste estudo, o olhar redireciona os vínculos de convivência na trama das personagens para a comensalidade. Ao retratar uma aldeia de pescadores, o diretor captura significados da cultura local, tornando-os elementos de sentido no enredamento de acontecimentos do filme com uma linguagem universal baseada na literatura. A partir de um conto de 1958,⁶ escrito por Karen Blixen (1885-1962), a narrativa do filme reproduz a vida no povoado dinamarquês

4 Ensaio desenvolvido no âmbito do Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação (NECTAR) e do Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em articulação com o Laboratório de Ações de Educação Alimentar e Nutricional em Versão Digital (LADIG'E) e com o Programa de Pós-graduação em Nutrição do Instituto de Nutrição Josué de Castro da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

5 O filme recebeu prêmios também no BAFTA de 1989 (prêmio máximo do cinema no Reino Unido), vencendo na categoria de melhor filme em língua não inglesa. Foi indicado nas categorias de melhor atriz (Stéphane Audran), melhor fotografia, melhor direção, melhor filme e melhor roteiro adaptado. No Festival de Cannes (França) de 1987, recebeu o Prêmio Ecumênico. No Globo de Ouro de 1989 (EUA), foi indicado na categoria de melhor filme estrangeiro. No Festival du Cinéma Nordique de Rouen 1988 (França), recebeu os prêmios da audiência e do Grande Júri. Fonte: <www.adorocinema.com.br>.

6 Karen Blixen, *Babet's Feast*, novela publicada em inglês no *Ladies Home Journal* em 1950, e posteriormente na coletânea *Skaebne-Anedoter (Anedotas do destino)*, 1958.

de Novosborg, basicamente em duas etapas: nos anos de 1836 e 1871. Originalmente, o conto escrito por Blixen ocorre na Noruega, mas o deslocamento no filme é enriquecido pela belíssima fotografia de Henning Kristiansen, que reforça o estilo de vida simples e religioso de um pequeno lugarejo à beira-mar, em contraposição a um estilo distinto e bélico de centros maiores.

A vida da aristocrata dinamarquesa Karen Blixen (1885-1962), que assumiu o pseudônimo de Isak Dinesen, autora do conto que inspirou o filme *Festa de Babette*, merece destaque neste texto. A autora também ficou conhecida no cinema pelo livro que inspirou o filme *Out of Africa (Entre dois amores, 1985)*⁷, sob a direção de Sydney Pollack, tendo Meryl Streep, Robert Redford e Klaus Maria Brandauer nos papéis principais. O filme aborda a época em que Blixen foi casada com um primo distante e morou no Quênia, onde iniciou uma plantação de café. Já separada, ela vive uma intensa relação com Denys Finch Halton, um piloto do exército britânico, morto em acidente aéreo no ano de 1931.

A paixão nada platônica de Karen pelo piloto inglês em *Out of Africa* é o contraponto para a escolha de uma vida tranquila e apartada de grandes paixões entre Phillipa/Papin e Martina/Lowenhielm em *A Festa de Babette*. Em *Out of Africa*, a personagem se entrega ao seu amor em terras desconhecidas e selvagens, transformando a vida da autora por essa experiência. Destaca-se o estreitamento dos laços afetivos com os moradores locais, considerando as perdas e sofrimentos materiais e sentimentais como inevitáveis. Fica claro, nesse filme, que a vida é um processo de constantes mudanças. E a natureza, bem como o inesperado, pode ser um agente avassalador nessa transformação, representado no filme pelo incêndio que destrói a plantação de café e pela morte prematura de Finch.

Uma curiosidade: o conto que inspirou *A Festa de Babette* foi escrito em 1958, quatro anos antes da morte de Karen Blixen por desnutrição, pesando apenas 35 quilos. Na verdade, sua saúde se deteriorou em função da sífilis que contraiu de seu marido, e de uma úlcera que a obrigou a extirpar um terço do estômago e viver apenas de champagne e ostras pelo resto da vida.

Um vilarejo protestante da Jutlândia

A narrativa do filme retoma a crise histórica dos países europeus, decorrente dos movimentos liberais e nacionalistas em meados do século XIX, envolvendo a guerra franco-prussiana com a queda de Napoleão III e do sistema monárquico francês. Este último fato especificamente é o desencadeador da

⁷ O livro que inspirou o filme chamou-se *Fazenda Africana* (1937). Consta que o filme também foi inspirado na autobiografia e em outros escritos de Blixen.

entrada da personagem central refugiada Babette Hersant (interpretada por Stéphane Audran) na vida dos habitantes do pequeno vilarejo dinamarquês. Inicialmente misteriosa, a personagem vai imprimindo um caráter francês em sua busca por asilo, que revela o profundo sofrimento pela superação da perda do marido e do filho na Comuna de Paris (1871).⁸ Essa personagem é deslocada de um espaço social francês de grandes lutas por um governo republicano, e de seu trabalho de alta gastronomia para um trabalho doméstico, contratada por caridade por duas irmãs filhas de um pastor protestante que afirma o valor de uma vida simples desprovida de grandes interesses de distinção social, o que constitui o fio condutor da trama. As recatadas Martine (interpretada por Birgitte Federspiel) e Phillipa (interpretada por Bodil Kjer), filhas do falecido pastor protestante, herdaram o papel de mentoras religiosas do vilarejo, dando seguimento aos ensinamentos de seu pai em um pequeno grupo de amigos.

Durante 14 anos, Babette presta serviços às irmãs, integrando-se ao estilo de vida ascético baseado em caridade e práticas litúrgicas do pastor. A cumplicidade entre os habitantes do vilarejo fica explícita nos silêncios e olhares contidos entre os personagens interpretados por atores acima dos 50 anos. As cenas que ocorrem no tempo presente na vida do grupo de idosos permitiram uma retrospectiva de trajetória de acontecimentos para suas vidas, de modo a entremear os conflitos e decisões tomadas por eles no passado, articulando-os com os sentimentos do presente. As personagens são parte de uma trajetória histórica de aspirações, prestígio, notoriedade e sonhos que engendram sensibilidades para o comer com uma mentalidade protestante, que valoriza nas coisas simples, a sensibilidade de um romantismo do início do século XIX, orientado pelo sonho de um mundo cristão justo proposto com a Reforma Protestante.

As cenas de comensalidade no filme se orientam por encontros idealizados e fraternais entre os moradores do vilarejo, contrapostos à luxúria e ao poder das cidades e, nesse sentido consolida um comer que opera como uma ancoragem para os rearranjos dos elementos simbólicos em torno dos sentimentos das personagens diante dessas diferenças. A mesa onde se reúnem para comer se desdobra como espaço sagrado da experiência com o pastor protestante, em um clima religioso que entrelaça comida e sujeitos devotos. Ao longo do filme, cresce a sistematização de uma narrativa para seu desenlace central em uma festa que Babette prepara com alta gastronomia para comemorar o centenário de aniversário do falecido pastor.

As cores do ambiente, cinzentas e castanhas, colaboram com impressões naturalistas e romantizadas de cumplicidade entre os poucos habitantes

8 A Comuna de Paris foi o primeiro governo operário da história, decorrente da resistência popular francesa ante a invasão prussiana. Após se manter por apenas 72 dias no poder, os operários foram esmagados pela facção monarquista francesa, comandada pelo general Thiers, em 1871.

do pequeno vilarejo. As condições climáticas do local, predominantemente chuvoso e nublado, acentuam o tom sombrio, as cores acinzentadas e os tons monocromáticos da direção de arte, criando uma atmosfera fechada e contida nos espaços domésticos que se contrapõe à suntuosidade da festa de Babette para a congregação, por ocasião da comemoração. A expressão das personagens segue um espírito romântico que, assim como Quasimodo e a Cigana de Vitor Hugo, reproduz um espírito humano conflituoso que se alterna entre a alegria do prazer de comer e o sofrimento, ambos como formas verdadeiras e intensas de emoções genuínas da vida humana.

Os sentimentos rompem o cotidiano e fazem aflorar amor, inveja, ciúme ou traição, revelando um conjunto de afetos manifestados na rede que se articulam no passado e presente da narrativa a partir de ressentimentos, arrependimentos e questionamentos acerca das escolhas feitas ao longo de suas vidas. A narrativa evoca do passado das duas irmãs filhas do pastor experiências sensíveis e amorosas com a presença de dois personagens masculinos, o então tenente Lorens Lowenhielm (interpretado por Jarl Kulle) e o cantor de ópera já um pouco decadente Achille Papin (interpretado por Jean-Philippe Lafont), que chegando a Novosborg trazem as possibilidades de casamento, para uma, e de se tornar uma cantora de ópera para outra – possibilidades interrompidas pela opção religiosa de manter-se como mentoras no vilarejo, o que marca suas trajetórias de vida.

Phillipa, que é dona de uma voz rara, desiste da fama e sucesso proposto por Papin, um famoso cantor de ópera que, impressionado por seu enorme talento, quer transformá-la em uma diva na corte parisiense. A escolha de Philippa por permanecer em Novosborg, ao lado do pai e da irmã, se apresenta como sincera e sem pressão do pai, mas deixa claro o grande alívio que isso provoca na família. Os elementos gestuais se apresentam para o espectador de modo sutil através de expressões faciais e olhares escusos. A expressão romantizada de que “perder e ganhar” parece live de reflexões, questionamentos na afirmação da nobreza dos sentimentos apresentada pelo pastor quando se tem uma vida simples e desprovida de glamour. O sentido de que essa vida de graças e ofertas é a melhor para o espírito é registrado pela presença da figura paterna sempre presente mesmo depois do falecimento, que retoma nas palavras mansas das filhas seus ensinamentos como lembranças de quando elas eram jovens.

Martine, em seu passado, havia provocado o amor de Lowenhielm que, embora tivesse sido obrigado a ir para a fazenda de sua tia em Novosborg, se encantou com a beleza da moça e se apaixonou. No entanto, ciente da perspectiva de insucesso que isso representaria em sua carreira militar se se casasse com ela, desistiu desse amor e a abandonou, para casar-se com outra moça da realeza. No tempo presente, mais velho e com a patente de general,

Lowenhielm volta a encontrá-la na festa e vem em cena um balanço de sua escolha sobre o rumo da sua vida: “Vaidade, tudo não passou de vaidade”. E indaga com tristeza: apesar da fama e da inveja que provocou nos outros, “por que não cultivei o meu eu espiritual?”. A expressão romântica de um amor platônico entre eles se fará presente no seu retorno ao vilarejo mais de 30 anos depois, quando, numa profunda alegria, seus olhares amorosos se encontram pacientemente na festa de Babette.

O enredo das duas situações, presente e passado, perpassa idas e vindas entre escolhas daqueles que vêm de fora para viver na aldeia, como Babette, e aqueles que abandonam a aldeia para viver no mundo dos prazeres da fama e da distinção social, representados nas cenas em que o então aspirante busca sua ascensão social de futuro general. As personagens se entrecruzam em cenas de idas e vindas no presente e passado, evidenciando dúvidas, arrependimentos, possibilidades e felicidades de suas escolhas de vida. Questões que atravessam o século XXI nas migrações populacionais do interior para as cidades, que continuam representando conflituosas opções de vida em sociedade.

As mudanças das personagens femininas

O filme explora a participação feminina na culinária familiar e alta gastronomia francesa. Uma vez apartada de seu trabalho em um café francês famoso, Babette assume um papel doméstico porque não tem outra opção, pedindo por favor às duas irmãs que a aceitem por caridade, ciente de que elas não têm como pagar-lhe. As irmãs Martina e Phillipa se apresentam submissas ao credo de seu pai protestante luterano, com suas vidas marcadas por esta escolha religiosa como seu valor maior na vida, trazendo conflitos e dúvidas para o expectador sobre se este foi o melhor caminho a ser tomado. Elas abdicam de um gozo da vida em sua juventude em prol de um ideal espiritual. Apesar de não dependerem financeiramente de uma figura masculina, seu sustento é provido pelo resultado das ações de graça e oferta de comida aos pobres, numa compassividade que ambas mantêm mesmo após a morte do pai. A vida frugal que levam no vilarejo não é por elas colocada em prova e é apresentada como satisfatória e controlada, até que a experiência com alta gastronomia entra em cena, levando-as a reviver e refletir sobre suas memórias.

A vinda de Babette para Novosborg modifica os costumes da casa e dos moradores locais, ressignificando, com o comer, um estilo de vida. Aos poucos assistimos Babette barganhar com o peixeiro e com o dono da mercearia o menor preço do peixe, divertir o carteiro e alegrar os habitantes com seus temperos e provocações culinárias. Sua criatividade transforma o mundo que a cerca, o que sensibiliza todos para uma mudança no estilo de vida. No decorrer

da narrativa, entendemos sua vida pregressa e descobrimos que Babette era uma artista e *grande chef* em um famoso restaurante, o Café Anglais. Ao se submeter a uma vida aparentemente subserviente de refugiada no vilarejo, ela consegue sobreviver ao sofrimento da perda de entes queridos.

As mudanças vão acirrando conflitos na medida em que ela prepara o banquete, ponto alto do filme, e geram pesadelos em Martina, que julga perigoso o abate da tartaruga para a sopa, aproximando-o de um rito de bruxaria. Resistente às mudanças, a congregação faz um pacto de “não sensibilidade” e combina que os comensais não irão saborear nada nem se manifestar sobre a comida ou a bebida. “Que o corpo seja escravo da alma” afirmam, e isso inclui a fala, negando a importância da comida e o prazer que ela pode provocar. O encadeamento das cenas explora uma sensibilidade culinária em torno da mesa que transforma o prazer do jantar interdito em ato prazeroso e intenso de amor.

Comensalidade, religião e gastronomia

São muitas e cotidianas as cenas de comensalidade no filme que nos preparam para a cena final do banquete oferecido por Babette. Logo na primeira cena, há uma referência ao papel social das irmãs na comunidade, ao oferecerem comida aos pobres e enfermos, que introduz uma das questões centrais do filme ao retratar as regras de caridade com austeridade da conduta de abnegação e generosidade protestantes. As cenas iniciais, com um pão preto e a sopa de peixe, destemperados e sem sabor, contrastam com o uso de cebolas e detalhes culinários que vão aparecendo no cenário e se contrapondo a um puritanismo que é criticado por Karen Blixen. Para a autora, a vida sem graça das irmãs, desde a juventude até o envelhecimento, apresenta o peso de uma abdicação das paixões entendida como uma salvação, algo que transforma o “microcosmo representado por esta comunidade numa espécie de bolha no limite da seita” (BIHL, 2014, p. 133).

As reuniões da comunidade religiosa são permeadas pela comensalidade. São oferecidos biscoitos, bolinhos e chás, sempre em volta da mesa e são esses os momentos de conagração e reunião do grupo. A cena na qual Lowenhielm vê a jovem e linda moça loira comprando leite com o leiteiro produz um encantamento que traduz a imagem da vida simples do interior capaz de seduzir o então tenente (cena 00:06:20). Na cena seguinte, ele já está na mesa com o pastor e seus fiéis seguidores tentando uma aproximação, quando engasga com um biscoito que não cai muito bem e, ao engasgar com aquela comida aparentemente intragável, percebe a distância entre os dois mundos sociais tão marcantes ao longo do filme. Ele identifica claramente que algumas coisas são difíceis de serem conciliadas e algumas barreiras sociais são impossíveis de se atravessar. Na cena seguinte, ele já está no Clube de Oficiais, e o refinamento do

local contrasta com a simplicidade da aldeia. Ele percebe que algumas barreiras são intransponíveis e será preciso escolher entre a linda moça loira da aldeia e a carreira brilhante de militar. Logo em seguida, vê-se a cena em que Lowenhielm se casa com uma dama de honra da Rainha Sofia, com uma comensalidade distinta, dos salões da nobreza, com a festa da nobreza, o luxo, a sofisticação, as convenções sociais e a hipocrisia característica desse novo ambiente. Entre o biscoito intragável da aldeia e os banquetes da corte, ele faz a escolha que o acompanhará ao longo de uma vida de luxo e conforto, em que a linda moça da aldeia representa a lembrança de uma vida pura e simples.

Uma cena marcante do filme é a chegada de Babette e o primeiro encontro dela com as irmãs em uma noite de tempestade (cena 00:29:31). A chuva, o frio e os perigos da noite do lado de fora da casa contrastam com o chá quente, o calor humano e a tranquilidade lá dentro. Antes mesmo de o diálogo ter início e Babette mostrar a carta de apresentação de Pappin pedindo que a recebam, uma xícara de chá é oferecida para ela, dando início à relação de caridade e suntuosidade que constitui o eixo central do filme. Na cena seguinte, com Babette já contratada e aprendendo as regras do novo trabalho, as irmãs apresentam os alimentos, os instrumentos e os cuidados na condução da cozinha e os modos de preparar o peixe (cena 00:35:21). Ao aprender as receitas, os nomes dos pratos e dos ingredientes, Babette aprende a língua ali falada e incorpora pacificamente a rusticidade dos costumes locais.

A comida, a cozinha e os modos de preparar os alimentos são uma espécie de linguagem que será aprendida e reproduzida por Babette, mas ela irá comer só, separada das irmãs, porque os códigos na hierarquia social não permitem uma mudança do lugar da empregada. Na compra das mercadorias, da mesma forma, há uma interação social na qual Babette aprende a jogar com os códigos locais e se mostra totalmente à vontade naquele novo universo (cena 00:36:50). Anos depois, após passar 14 anos com as filhas do pastor, a cozinha está cheia de temperos, especiarias e novos utensílios, outros sabores e aromas entraram na cozinha, e mesmo a compra do peixe agora se dá em outras bases, há uma nova forma de negociação do preço em função da qualidade que antes não existia (cena 00:39:29).

Os encontros à mesa ajudam a manter a sociabilidade após a morte do pastor e nos momentos de comensalidade vão revelando disputas, rancores, mágoas antigas, ciúmes e as pequenas mesquinhas (cena 00:42:30). Alguns segredos são revelados e tais revelações apontam para a intolerância, os interesses dos negócios particulares, as pequenas rugas e implicâncias recíprocas, trazendo à tona aquilo que os seres humanos possuem de mais mesquinho e comum, revelando os remoques no cotidiano de pequenas comunidades. As irmãs assistem a tudo e tentam se manter à margem das disputas e mágoas; seu lugar social é de uma certa

liderança do grupo herdada após a morte do pastor, que se mantém vivo através de uma fotografia na parede do centro da sala, em lugar de destaque.

A notícia do prêmio de loteria se apresenta com a possibilidade de um jantar suntuoso em homenagem ao pastor e, juntamente com a viagem de Babette e os preparativos, revolucionam a vida pacata da aldeia e das irmãs. A chegada dos ingredientes transforma aquela paisagem antes bucólica e gera apreensão entre os moradores que pressentem que algo estranho está para acontecer (cena 00:53:59). O sonho aterrorizante de uma das irmãs anuncia uma mudança, produz temor, apreensão e medo pelo que pode sair do controle e da rotina. Agora todos estão expostos a forças poderosas e perigosas que poderiam trazer infortúnios, pois a comida que será servida possui algo de misterioso, mágico e incontrolável. Os comensais do futuro banquete se tornam apreensivos e chegam a fazer uma reunião na qual combinam não fazer nenhum comentário sobre a comida durante o jantar. Tais comentários são proibidos à mesa numa tentativa de controle total das emoções, dos afetos dos comensais que devem negar os prazeres e o sentido do paladar, o que será acirrado porque eles não conseguem se conter. O ascetismo e as normas puritanas tentam controlar os espíritos, inibindo até as pupilas gustativas, negando todo o prazer para se obter o controle total da situação já que a simples possibilidade de ter algum gozo à mesa se revela como algo assustador.

Enquanto isso, o preparo da comida e o espírito na cozinha lembram algo alquímico, como um ritual de magia e bruxaria, produzindo uma total integração dos ingredientes, aromas e sabores com o controle dos processos mágicos de preparação, cozimento e organização da mesa (cena 01:01:30). A sofisticação dos preparativos da cozinha contrasta com a sobriedade e a proposta de abnegação dos comensais na sala, e a cena com a chegada do General destaca os três mundos retratados no filme: a sofisticação gastronômica de Babette, a austeridade puritana das irmãs e o conhecimento dos códigos da corte e da vida militar. A preparação da mesa com louças, taças e talheres trazidos da França apresenta uma sofisticação nunca vista antes, mas que se acomoda na chegada dos primeiros comensais. Estes rapidamente a aceitam, uma vez que observam que é reconhecida pelo General Lowenhielm, que transita pelos melhores lugares da realeza e de restaurantes de Paris, contrastando com a simplicidade da mesma mesa que ele conheceu no passado. O reencontro com a amada e com sua própria história permite que ele faça um balanço de sua vida (cena 01:03:52).

As expressões de espanto e surpresa com a riqueza dos detalhes e com a sofisticação dos elementos que compõem a mesa são marcantes. Os aldeões são imediatamente confrontados com o acordo feito anteriormente de não comentar nada com relação ao jantar, à comida, aos sabores, ao prazer que

os pratos podem representar. Mas o caráter repressor não resiste ao prazer e à sensibilidade gustativa, à delicadeza e aos códigos de uma cultura totalmente estranha até então. Os comentários do General acerca da boa qualidade da comida fazem uma ponte com o conservadorismo puritano e ajudam a quebrar resistências aos prazeres gustativos da mesa. Aos poucos, seus comentários e argumentos dão legitimidade à proposta de Babette, com seus códigos sociais e gastronômicos da culinária francesa (cena 01:11:20). Ele pode falar o que os outros comensais tentam esconder, a felicidade trazida pelos prazeres proporcionados pelo que sai da cozinha de forma ininterrupta. Aos poucos, as resistências são quebradas pelos sentidos e a razão sucumbe ao prazer.

A magia da comensalidade

O mundo idealizado de Novosborg não se altera; apesar da morte do pastor e do envelhecimento das personagens; boa parte dos objetos de cena permanece a mesma. A inesperada festa de Babette se revela como algo que sensibiliza a todos, como algo mágico que nos toma sem podermos entender. Ao compartilhar os valores de distinção social à mesa, os comensais revelam um conjunto de códigos morais e restritivos que vão aos poucos desconstruindo o processo. Os elementos não revelados em públicos pelas personagens secundárias se ressignificam nas relações sociais com a experiência de novos modos à mesa, com novas comidas. O simples ato de comer algo diferente acompanhado dos vizinhos traz à tona os significados simbólicos e rituais que engendram sentimentos que vão do desconforto à simpatia recíproca, do prazer de compartilhar a comida a repulsa ao outro, expondo sentimentos sinceros.

A magia está sutilmente sugerida desde que se apresenta a vestimenta de Babette, ora com capote e capuz de bruxa, ora com vestes comportadas com crucifixo no pescoço. As cenas da chegada dos animais exóticos do banquete como tartaruga e codornas vivas envolvem um ritual desconhecido para a cultura local, percebido como algo importante que requer cuidados especiais. O banquete consistiu em: sopa de tartaruga, blinis de caviar Demidorf, cailles sarcophage, babá ao rum, frutas secas, champagne Veuve Clicquot e vinho Clos de Vougeot. A sensibilidade se apresenta romantizada como algo potente e sem controle na degustação à mesa. O general com sua distinção social legítima condutas pouco usuais naquele grupo e desencadeia uma nova forma de comer e conviver, e de quebrar o pacto entre os idosos de que nenhum deles iria ter prazer ao comer ou falar qualquer coisa sobre isso à mesa.

A alta gastronomia contrastou com o pão de cevada, com uma culinária de subsistência voltada para a caridade e para os “pobres” como elemento de pureza e generosidade. O rigor que a presença enérgica de Babette no vilarejo

impõe à culinária contrasta enormemente com o das duas irmãs, e é expresso na cena de doação de alimentos para um pobre, que fica encantado quando é Babette que lhe prepara a comida.

A comensalidade desencadeou afetos diversos e revelou códigos ocultos na trama. Os conflitos religiosos, as histórias de amores impossíveis ou proibidos e os pequenos interesses e mesquinhasias são revelados à medida em que a trama avança e todos se sentam à mesa. E é na mesa que as alianças se refazem, que os conflitos se acalmam, as paixões se revelam ou se sublimam a partir de gestos, olhares e comentários breves, sem que a discussão seja desagradável ou tensa. O prazer de estar junto comendo foi o principal sentimento de afeto durante o jantar.

Mas é no clímax do filme, quando acompanhamos a arte culinária, que esquecemos as preocupações metafísicas das personagens em função dos prazeres que a boa comida provoca. Com toques de humor muito bem explorados, o filme permite que antecipemos o fato de que todos no povoado se renderão a uma nova experiência sensorial (a qual apenas podemos imaginar), orquestrada pela sensibilidade artística de Babette e reconhecida pela experiência do general Lowenhielm. Ele é quem confere a legitimidade dos códigos de distinção social e quebra algumas barreiras e preconceitos que inicialmente os personagens manifestam, como recusa ao prazer de comer e beber. Ao dar o certificado de que aquelas comidas são especiais, vindo de um personagem que é considerado “superior” na escala social local, ele não apenas valoriza o jantar, como dilui a distância entre diferentes culturas, dinamarquesa e francesa, da elite e da aldeia, religiosa e pagã.

Babette aproxima o apetite físico do prazer espiritual. Transforma um jantar em uma espécie de caso de amor entre pessoas sensíveis e afetuosas, fazendo com que o corpo desobedeça à mente racional e entre em sintonia com a alma. Transformando o prazer gustativo em êxtase espiritual, afasta as pessoas da pequenez da vida e das mesquinhasias do cotidiano da aldeia, produzindo uma comunhão que nunca havia acontecido entre aquelas pessoas. A cena final dos comensais cantando e dançando no centro da aldeia remete à vitória dos rituais pagãos dos banquetes sobre a austeridade e sobriedade religiosa, o prazer da comensalidade venceu a razão e a doutrinação.

O diretor nos revela um estado de espírito, um clima amistoso com uma profunda crença na humanidade, mesmo sabendo que o gênero humano, talvez por ignorância, reação ou repetição mecânica de modelos, seja capaz de gerar desordem mental em vários níveis, afetando negativamente a si a e ao outro nesse processo. Mas, no final do jantar, a celebração dos comensais redime e apaga as rusgas do passado e permite um outro modo de encarar o presente, uma nova forma de estar no mundo e, quem sabe, um futuro mais alegre e generoso.

REFERÊNCIAS

BABETTES GAESTEBUD. Roteiro e direção: Gabriel Axel. Figurinista: Karl Lagerfeld. Elenco: Stéphane Audran, Bodil Kjer, Birgitte Federspiel, Jarl Kulle, Bibi Andersson, Vibeke Hastrup, Cay Kristiansen. Playarte Pictures, 1987.

BLIXEN, K. *A festa de Babette*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

BOURDIEU, P. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.

_____. *La distinction critique sociale du jugement*. Paris: Édition de Minuit, 1979.

CAMPBELL, C. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

MITERRAND, H. *100 filmes da literatura para o cinema*. São Paulo: Best Seller, 2014.

MONTANARI, M. *A fome e a abundância: história da alimentação na Europa*. São Paulo: EDUSC, 2003.

THORN, B. *Jantares de cinema: receitas dos seus filmes favoritos*. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989.